

GOLDBERG, Jonah. *Fascismo de esquerda – a história secreta do esquerdismo americano*. Trad.: Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2009.

*Érick Luiz Wutke Ribeiro*¹

O livro *Facismo de esquerda* não recebeu, no seu lançamento brasileiro de 2009, o lugar merecido no debate sobre a história política contemporânea. Na academia ou na leitura informativa parece ter sido ignorado, muito embora tenha sido um dos livros mais vendidos em 2008 segundo o *New York Times*. Sua importância é inegável, visto que contribui para a compreensão do fenômeno fascista que está longe de ter deixado de existir ou ter curso como pano de fundo de várias ideias e propostas colocadas na política mundial atual – como demonstra o autor.

Jonah Jacob Goldberg é um jornalista e escritor americano nascido em 1969. Após o lançamento deste livro tornou-se figura freqüente em programas conservadores ou de entrevista da televisão americana, sendo que já atuava como editor na *National Review Online*. Hoje também é colunista na *USA Today* e no *Los Angeles Times* e é membro do *American Enterprise Institute*.

A proposta não é exatamente nova como lembra Bruno Pontes (2009), ao dizer que em *O caminho da servidão*, Friedrich Hayek o dedicou aos “socialistas de todos os partidos”, visando assim demonstrar que o esquerdismo – enquanto posição política assim definida – propicia o estabelecimento de regimes totalitários uma vez que dão primazia ao Estado sobre o indivíduo.

Seguindo o sumário, e prestando atenção ao nome dos dez capítulos que compõem o livro, será suficiente para que o potencial leitor entenda o caminho traçado por Jonah Goldberg. A primeira coisa a ser mencionada é o título e a capa. Nas 24 páginas da introdução, intitulada “Tudo o que você sabe sobre Fascismo está errado”,

¹ Graduando do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Esta resenha foi apresentada como trabalho final da disciplina História Contemporânea II ministrada pelo prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior.

o autor explica como o famoso símbolo cultural do *smiley*², com o bigode característico de Hitler, traduz o objetivo de seu livro, passando a mensagem de como o fascismo se manifestaria na América: “ele de fato tomará a forma de ‘fascismo-*Smiley*’ – fascismo *gentil*.” (p. 9). Em seguida, ele começa a abrir caminho para demonstrar que, ao contrário do que é facilmente repetido *ad nauseam* em toda parte, o fascismo identifica-se como um tronco fortíssimo e basilar, e até uma manifestação do esquerdismo. O termo que o autor usa é liberalismo, e com ele se refere ao “edifício reformado do progressismo americano” (p. 10). O título em inglês *Liberal Fascism* foi, portanto, bem traduzido. Ao longo do livro o autor distingue bem o liberalismo clássico (aquele que arrola Adam Smith e Locke) do liberalismo como os americanos o usam hoje, que seria de certo modo o exato oposto do termo como usado pelos ingleses. A ligação que se dá entre o *liberalism* americano e o fascismo como a história o conheceu, e portanto a base do livro, é justificado assim:

[Não] significa que [liberalismo] seja a mesma coisa que nazismo. Nem que seja irmão gêmeo do fascismo italiano. Mas o progressismo foi um movimento irmão do fascismo, e o liberalismo de hoje é o filho do progressismo. Seria possível forçar a comparação e dizer que o liberalismo de hoje é o bem-intencionado sobrinho do fascismo eu-

ropeu. Dificilmente seria ele idêntico a seus parentes mais feios, mas ainda assim, exhibe embaraçosos traços comuns de família que poucos admitirão reconhecer. (p. 10)

E de fato não se admite, como mostra o autor, nas páginas que se seguem, que uma definição do fascismo é tarefa difícil e ainda longe do consenso mesmo entre os estudiosos do assunto. Menos ainda se admite que o fascismo, ao menos aquele colocado em prática na Itália de Mussolini, se alimenta mais do caudal intelectual de esquerda do que direita.

É por isso que o primeiro capítulo trata de Mussolini. Neste capítulo Goldberg mostra como Mussolini construiu uma imagem para o restante dos países do Ocidente, e como o seu prestígio na década de 20 coincidiu com o início da decadência do liberalismo clássico e sua formulação de governo representativo – o que significava imediatamente uma valorização do governo ditatorial, desde que contando com o “ditador certo”. O conservador Churchill o chamou de maior legislador vivo do mundo, Freud enviou-lhe um livro que dedicou “ao Governante, o Herói da Cultura” e “de 1925 a 1928 apareceram mais de cem artigos sobre Mussolini nas publicações americanas, e apenas 15 sobre Stálin” (p. 39). O autor também faz uma incursão biográfica para mostrar que Mussolini fez sua formação intelectual em torno do socialismo, além de ter sido criado (seu nome é homenagem a três heróis revolucionários), ter se declara-

² V. <http://www.fantazia.org.uk/Scene/smileyhistory.htm> (em inglês)

do e ter sido reconhecido como homem e político socialista.

Goldberg coloca alguns pontos do programa político de Mussolini (bem como, no Anexo, coloca o programa completo do Partido Nazista), demonstrando que ali figura uma motivação antielitista que desejava abolir o mercado de ações, o trabalho infantil, promover a saúde pública e outros setores de ação do Estado, confiscar riquezas, etc. O lema “Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado” resume a tese do fascismo de Mussolini, que foi levada a cabo pelo corporativismo – muito admirado na América daquela época.

No segundo capítulo “Adolf Hitler: um homem da esquerda”, o autor inicia colocando as semelhanças entre nazismo e fascismo, bem como o distanciamento pessoal e aproximações políticas que existiram entre Mussolini e Hitler. Mas demonstra que, embora não tenha a formação socialista de Mussolini, nem se coloque como herdeiro dessa tradição revolucionária, Hitler se imbuíu do papel de renovador revolucionário dentro do quadro típico da esquerda mundial. E combate o ponto principal das acusações consideradas pelo autor como levianas de que Hitler seria um direitista: o apoio do capitalismo alemão ao seu projeto e sua orientação nacionalista. De fato, o nacionalismo é historicamente associado à direita, embora esta mesma defenda o capitalismo global e universal, se vê muitas vezes ante o paradoxo de legislar em causa própria – muitas

vezes ante o próprio efeito globalizante da economia de mercado. Mas é fato também que a bandeira da “nação” tenha sido utilizada pelas esquerdas em determinados momentos históricos – como Mussolini é prova. Seu racismo e crença na eugenia, antes de revelar superioridade, por exemplo, da religião cristã tradicional, do governo representativo, da liberdade de imprensa, do livre comércio traduziam seu anseio revolucionário de transformar o mundo à sua imagem: Hitler desejava a restauração dos deuses germânicos, o fim do governo democrático em nome de um *Reich* (Império) de mil anos, e o uso extensivo da propaganda como forma de controle das massas, da imprensa e do empresariado.

No terceiro capítulo, sobre Woodrow Wilson, o autor entra de fato na matéria de análise de seu livro. A crítica ao 28º presidente americano merece o cuidado preparado pela introdução e os dois longos capítulos anteriores: Wilson é conhecido por ter sido um grande presidente, progressista e ainda popular. A tarefa do autor, então, seria como criticar as raízes ditatoriais e fascistas do governo de Getúlio Vargas, com o diferencial histórico que este jamais tivesse instaurado uma ditadura, num país cuja tradição política é identificada como a própria encarnação da ideologia capitalista e cujo povo acredita que “não pode acontecer aqui” (p. 93). As 45 páginas do capítulo demonstram como o fascismo de fato chegou à América, primeiro com o terreno preparado

pelo seu irmão “progressismo” desde Theodore Roosevelt e sua abolição do preceito de autodeterminação dos povos, e então com Wilson, no século XX, antes mesmo de Mussolini ter compeendiado a experiência fascista.

O restante do livro parece dar razão a Mussolini que predisse que enquanto o século XIX foi o século do capitalismo, o XX seria do fascismo: Goldberg ataca o *New Deal* de Franklin Roosevelt, como movimento fascista sobre a economia – a caracterização do fascismo então não é o socialismo clássico de nacionalização da indústria, mas a crescente dependência da indústria dos desígnios do Estado, que tende a crescer nas suas esferas de atuação, atuando por sobre toda a sociedade. Desse modo, o livre mercado não é questionado, negado, ou estatizado, ele simplesmente se torna incapaz de agir conforme seu caráter livre de competição e busca de lucros – está preso a diversas e inúmeras determinações, regulações e competições por parte do Estado.

O capítulo seguinte demonstra como o capitalismo ganhou as ruas na década de 1960 – na forma de progressismo, ou *Nova Esquerda*, as ideias circulantes na elite intelectual da América nessa década, lembram muito a disposição de Hitler e Mussolini contra o capitalismo, contra a tradição, a religião e sua moral, etc. do qual o Maio de 68 é o expoente máximo. Nos capítulos seguintes aborda Kennedy e Johnson. O autor explica como se construiu na América um lento culto de Estado. O que fornece importante material para

pensar a História do Brasil como um todo, visto que até então, as análises de Tocqueville da democracia americana eram válidas; e a partir do culto do Estado, suas predições no segundo livro de seu *opus magnum*, se tornaram verdadeiras, mais de um século depois.

Os dois capítulos seguintes tratam do resquício racista e eugênico no liberalismo atual e da economia fascista liberal. É no capítulo nono que o autor admite Hillary Clinton como expoente máxima do fascismo liberal americano atual, completado pelo capítulo 10, “A nova era: somos todos fascistas agora”, em que Jonah Goldberg demonstra como a opinião pública – ou melhor – “a classe falante” americana (formadores de opiniões, jornalistas, celebridades, intelectuais, pseudo-intelectuais, proto-intelectuais, escritores, apresentadores de televisão e tantos outros) se imbuí rapidamente dos ideais liberais e pouco se presta a examinar a história dessas ideias, suas conseqüências imediatas, mais sutis ou mais longínquas. Agindo com uma presunçosa autoconfiança de estar do lado certo – e que isso é suficiente para evitar o embate minucioso das crenças políticas.

O resultado é visto no posfácio, “A tentação do conservadorismo”, no qual o autor fala de como o conservadorismo pode flertar ou ceder às variações e manifestações do fascismo sob determinado contexto histórico:

Ao longo de todo este livro, centrei o foco nas tendências totalitárias da esquerda. Isso era importante por causa

do empedernido dogma de que o fascismo é um fenômeno direitista. Mas, dado que o desejo de comunidade está inscrito no coração humano, a tentação totalitária também pode ser encontrada na direita. (p. 441)

O livro parece ato de uma grande *catarsis* promovida pela necessidade do autor de se livrar do erro conceitual que está muito presente na fala cotidiana, especialmente daquele tom acusatório e impensado que caracteriza tantos militantes que usam termos que parecem compreender, mas ignoram por completo. *Fascismo de esquerda* é um passeio historicamente rigoroso e bem documentado pela história das ideias políticas no século XX, além de uma valiosa contribuição no sentido de história do conceito. A obra aqui tratada de Jonah Goldberg permite endossar a frase de Tom Wolfe sobre o livro, que figura na capa da edição americana: “Ame-o ou abomine-o, *Fascismo de esquerda* é um livro que você não vai poder colocar para baixo – em qualquer sentido do termo”. Seu papel é fundamental por oferecer substrato intelectual a qualquer discussão que se preze sobre o tema do fascismo e sobre a política do século XX.

Referências bibliográficas

Fantazia. The smiley face - brief history of a acid house icon. Disponível em: < <http://www.fantazia.org.uk/Scene/smileyhistory.htm> > (em inglês). Acesso em 1º de novembro de 2012.

PONTES, Bruno. *Tudo pelo Estado, nada fora do Estado*. Disponível em: < <http://www.midiasemmascara.org/artigos/educacao/10222-tudo-pelo-estado-nada-fora-do-stado.html> >. Acesso em 1º de novembro de 2012.